

UM CONVITE A PENSAR A ECOCIDADANIA DESDE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES ÀS PRÁTICAS ESCOLARES

Lucas Antônio Viana Botêlho*
Francisco Kennedy Silva dos Santos**

Desde que foram iniciados os esforços formativos com base numa perspectiva crítica, a Educação Ambiental tem se destacado e colaborado com avanços significativos e atendimento às demandas contemporâneas. Nunca, em toda a história da humanidade, como nos alerta Leff (2009), foi tão importante (re)pensar as atitudes dos seres humanos diante tanto de suas necessidades de desenvolvimento quanto dos impactos que estes causam no meio ambiente.

Neste sentido, a sociedade global, nos últimos 30 anos, conforme relata Loureiro (2003), tem se esforçado para garantir que haja um futuro. A grande problemática de nossos tempos é reflexo dos avanços engendrados pelo desenvolvimento econômico e social dos séculos XIX e XX, que garantiram a humanidade importantes conquistas, do ponto de vista da facilitação e agilização dos processos de confecção e aprimoramento desde técnicas de transformação de matéria prima até ampliação nas relações entre diferentes culturas. Santos (2005, p. 24) nos faz um alerta necessário ao entendimento do quanto retroagimos na metade do século XX em diante.

Finalmente, a promessa da dominação da natureza foi cumprida de modo perverso sob a forma de destruição da natureza e a crise ecológica. Nos últimos 50 anos o mundo perdeu cerca de um terço da sua cobertura florestal. Apesar de a floresta tropical fornecer cerca de 42% da biomassa vegetal e do oxigênio, 600.000 hectares de floresta mexicana são destruídos anualmente. As empresas multinacionais detêm hoje direitos de abate de árvores em 12 milhões de hectares da floresta amazônica. A desertificação e a falta de água são os problemas que mais vão afetar os países do Terceiro Mundo na próxima década. Um quinto da humanidade já não tem hoje acesso a água potável.

É preciso destacar que, mesmo com todos os avanços que nos permitiram chegar a tal ponto, não houve uma preocupação proporcionalmente crescente com o desgaste do planeta frente às pressões que o crescimento das cidades, o uso excessivo dos solos para cultivo em larga escala, a derrubada de áreas florestadas, a grande demanda e má distribuição da água, dentre outras questões inerentes à crise humanitária e ambiental global. O modelo socioeconômico vigente na sociedade-mundo, num roubo conceitual a Morin (2003), não apresenta soluções a este momento de incertezas crescentes e sem possibilidades de superação.

Diante deste cenário marcado por tantas questões que tolhem as esperanças, a escola se apresenta ainda como espaço que nos fornece e subsidia possibilidades de mudança social. A educação é a chave para a libertação das mentalidades e ruptura com os processos que rumam na contramão de uma formação socioeducacional libertadora, como tanto nos chama atenção Freire (1997). A força da alienação de nossos tempos tem se mostrado capaz o suficiente de fazer com que os sujeitos sociais em formação não percebam as mudanças e a crescente degradação social e ambiental, provocada pela intensa busca pelo crescimento da economia.

Os desequilíbrios provocados pelos descompassos entre crescimento econômico e desenvolvimento sustentável nos fazem amargar consequências difíceis de aceitar. Os países em desenvolvimento, ou seja, aqueles que em sua grande maioria situam-se abaixo da linha do equador, sofrem com os efeitos das mudanças no clima, ou seja, secas prolongadas, chuvas excessivas, perda de biodiversidade e perda de habitat etc. Estes processos decorrem, sobretudo, pela exploração destes países enquanto colonizados por países centrais, como os Estados Unidos, por exemplo.

No entanto, o movimento de subida no ranking dos maiores produtores de industrializados e tecnologia no mundo vem mostrando que o desejo dos países, que antes foram colônias de exploração ou trechos de rotas comerciais, é tornarem-se poluidores convictos, como a China. O retrato desta realidade revela que a frase de Paulo Freire faz sentido não apenas na educação, mas na sociedade global como um todo. O oprimido realmente deseja tornar-se como é o opressor.

Como superar, então, toda esta amálgama de intempéries e controvérsias? Retomamos, portanto, o pensamento que foi deixado pelo caminho anteriormente. A escola ainda tem um papel de destaque em nossa sociedade, a educação surte um efeito

quase que miraculoso em muitas realidades, ainda que completamente desesperançadas pela dureza de nossos tempos. Devemos então depositar na escola toda a esperança de dias melhores? Pode-se, num relance, pensar que sim, mas obviamente que não podemos fazer isto. A escola é apenas a ponta do iceberg de toda uma revolução social que a contemporaneidade urge.

É preciso pensar que é a partir da escola que os movimentos de mudança podem ser iniciados e a superação dos ciclos viciosos de degradação não só ambiental, mas social e econômica, pode vir a tona. Nem tudo cabe a educação, mas esta oportuniza com que tudo possa vir a ser, de fato, realizado. A educação é produtora de esperanças (GADOTTI, 2000; 2001).

Neste processo de produção de esperança e de revolução, a Educação Ambiental desempenha um papel relevante e de grande potencialidade. É por meio dela que é possível não apenas pensar em estratégias de preservação ou conservação da natureza, como que distanciando-a do contato com a sociedade, mas estreitando os laços que permitem construir trajetórias de aproximação entre homem e meio ambiente, de modo que haja equilíbrio e superação dos hiatos.

Jacobi (2015), em texto recente e ideias frescas, nos chama atenção para a necessidade de abordar a temática socioambiental na escola, diante do cenário de uma sociedade de risco, num roubo conceitual a Beck (2010), argumentando que as práticas educativas possuem um papel crucial na construção de mentalidades capazes de subverter as lógicas predatórias e elaborar diálogos e proximidade entre homem e meio ambiente.

O caminho para uma sociedade sustentável se fortalece na medida em que se desenvolvam práticas educativas que pautadas pelo paradigma da complexidade, apótem uma atitude reflexiva em torno da problemática ambiental, e os efeitos gerados por uma sociedade cada vez mais pragmática e utilitarista, visando traduzir o conceito de ambiente e o pensamento da complexidade na formação de novas mentalidades, conhecimentos e comportamentos. Isto implica na necessidade de se multiplicarem as práticas sociais baseadas no fortalecimento do direito ao acesso à informação e à educação para a cidadania ambiental em uma perspectiva integradora (JACOBI, 2015, p. 350- 351).

As práticas educativas a que se refere Jacobi (2015) são aquelas que proporcionam não apenas uma aprendizagem embasada por conteúdos e instrumentos

didáticos engessados, mas um ambiente de diálogos e de ideias multiplicadoras de outros diálogos. Ou seja, significa dizer que falamos de uma escola onde os sujeitos não estão divididos e entrincheirados por hierarquias, mas todos conseguem pensar as dinâmicas sociais e ambientais de modo a construir uma aprendizagem social real, e não imaginária, como a ausência de diálogo e a verticalidade das hierarquias produzem.

Alarcão (2001) refere-se ao processo de construção de uma escola reflexiva, baseada em atitudes reflexivas, que podem criar condições necessárias para a formação cidadã desde a sala de aula. Compreende-se que a ecocidadania, neste cenário apontado pela autora, faz parte de um processo cuja base está na reflexão e no diálogo entre os sujeitos, como destacado por Botelho e Santos (2017). É preciso que a escola se assuma como espaço de articulação de diálogos entre a realidade que está para além de seus muros e o chão da sala de aula, onde são desenhadas as práticas pedagógicas que podem mediar os processos de conscientização dos indivíduos.

Pensa-se também que a ecocidadania requer esforços reflexivos que excedem a materialidade das experiências escolares, mas debates mais amplos ocasionados no âmbito dos cursos de formação de professores das disciplinas que compõem a matriz curricular e dos demais envolvidos nos processos de confecção destas práticas, ou seja, coordenadores pedagógicos, gestores, educadores ambientais etc. Isto requer que sejam deslocados esforços no sentido de não apenas debater as possibilidades de pôr em prática experiências exitosas na escola, mas fomentar, desde os cursos de formação até a relação entre escola e comunidade, diálogos que possibilitam pensar a problemática socioambiental contemporânea por intermédio das lentes construídas em conjunto, em coletivo, por atitude reflexiva.

Que se torne manifesta entre professores e alunos, na escola e na universidade, uma razão sensível (FRAGA, 2016), a qual possibilite um encontro e convergências entre os indivíduos, criando os mecanismos de ação que podem ser causadores de mudança e de reversão a degradação ambiental crescente. Os professores precisam estar imersos neste processo desde seu início de formação até os anos finais de carreira, ou seja, desde a formação inicial a formação continuada em situação de trabalho. Estes sujeitos são importantíssimo para mediar a construção da ecocidadania ao longo das práticas escolares que permitem uma aprendizagem social e, por conseguinte, uma

consciência socioambiental que permite a ressignificação entre homem e meio ambiente (BOTÊLHO; SANTOS, 2017).

Portanto, que se faça e se pense, que haja animosidade e interesse na ecocidadania. Quer nos processos de escolarização contemporâneos, tratando a educação para a cidadania e meio ambiente como necessidade dos dias de hoje, quer nos processos formativos docentes e de pessoal mediador desta escolarização, lançando luzes sobre uma escola que se pensa e deseja que se faça reflexiva.

Referências

ALARCÃO, I. A escola reflexiva. In: ALARCÃO, I. (org.). *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BECK, U. *Sociedade de Risco*. São Paulo: Editora 34, 2010.

BOTÊLHO, L.; SANTOS, F. Ecocidadania, educação ambiental e ensino de Geografia. *Geografia, Ensino & Pesquisa*, Vol. 21 (2017), n.1, p. 54-64.

FRAGA, L. Educação ambiental e valor: recriando espaço para uma razão sensível. In: BONOTTO, D.; CARVALHO, M. (orgs.). *Educação ambiental e valores na escola: buscando espaços, investindo em novos tempos*. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, p. 139-154.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais em educação. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, 14(2), 2000.

_____. Pedagogia da Terra: ecopedagogia e educação sustentável. In: TORRES, C. (org.). *Paulo Freire y la agenda de la educación latino-americana em el siglo XXI*. Buenos Aires: CLACSO, 2001.

JACOBI, P. Meio ambiente, riscos e aprendizagem social. *Cadernos de Pesquisa: pensamento educacional*, Curitiba, v. 10, n. 26, p.346-364 set/dez de 2015. Disponível em <http://www.utp.br/cadernos_de_pesquisa/>

LEFF, E. Complexidade, Racionalidade ambiental e Diálogo de saberes. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol 34(3), p. 17-24, set./dez. 2009.

LOUREIRO, C. F. B. (Org). *Cidadania e meio ambiente*. Salvador: Centro de Recursos Ambientais, 2003. 168p.

MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 8a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SANTOS, B. S. *A Crítica da Razão Indolente*: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Ed. Cortez. 2005.

Minicurrículos

*Lucas Antônio Viana Botelho:

Doutorando em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO/UFPE). Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO/UFPE). Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco. Colaborador no Grupo de Pesquisa Educação geográfica, Cultura escolar e Inovação (GPECI/UFPE). Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1635677114023712>. Email: lucasviana.botelho@gmail.com.

**Francisco Kennedy Silva dos Santos:

Coordenador do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO/UFPE). Professor do Departamento de Ciências Geográficas (DCG/CFCH/UFPE). Coordenador do Grupo de Pesquisa Educação geográfica, Cultura escolar e Inovação (GPECI/UFPE). Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8799647544989939>. Email: kennedyufpe@gmail.com.